

# ap anuário do património

boas práticas de conservação e reabilitação

2014 | N.º 2 | Periodicidade bi-anual | € 20,00 (IVA incluído)

0.2



9 772182 532007

PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO | PATRIMÓNIO INTEGRADO E MÓVEL | EDIFÍCIOS E OUTRAS CONSTRUÇÕES | PROJECTO E FISCALIZAÇÃO | INSPECÇÕES, ENSAIOS E ARQUEOLOGIA | PRODUTOS, MATERIAIS E EQUIPAMENTOS | GESTÃO CULTURAL E PATRIMONIAL | FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO | ASSOCIAÇÕES, ORDENS E FUNDAÇÕES

## REPORTAGEM

Arte e Património face  
a face com o esquecimento  
O Hospital Miguel Bombarda

ARTIGOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

ARTIGOS DE OPINIÃO

POLÍTICAS PÚBLICAS

ESTUDOS DE CASO

DIRECTÓRIO  
DO PATRIMÓNIO  
AGENTES  
DO SECTOR





# DIRECTÓRIO DO PATRIMÓNIO

## UMA FONTE DE CONSULTA

O elevado número de agentes, entidades, empresas, profissionais e decisores com actividade na área da conservação do património e da reabilitação do edificado tornou vital a publicação de um guia completo que disponibilize e facilite o acesso a informações relevantes: serviços, entidades, produtos e equipamentos.

zem e onde estão é o objectivo deste directório. O método para a inclusão das entidades e profissionais foi realizado por inscrição. Toda a informação obtida\* encontra-se organizada por área de actividade e pode ser consultada através do índice.

O **Directório do Património** pretende ser um instrumento de consulta para todos aqueles que trabalham no sector do Património Cultural. Dar a conhecer quem são, o que fa-

\* Tratando-se de uma recolha pioneira deste género no sector, que reúne um grande número de dados e apesar do rigor aplicado, qualquer informação publicada está invariavelmente sujeita a alterações, pelo que não invalida a consulta das próprias fontes ou entidades para a obtenção de informação específica.

## COMO ENCONTRAR O QUE PROCURA

AS LISTAGENS DETALHADAS QUE COMPÕEM O DIRECTÓRIO DO PATRIMÓNIO ENCONTRAM-SE DISTRIBUÍDAS AO LONGO DO ANUÁRIO DO PATRIMÓNIO.

Consulte o índice na **página 6** para encontrar a categoria que procura.

O Directório possui um índice alfabético na **página 337** que localiza todas as entidades inscritas.

### FICHA TÉCNICA

N.º 2 - 2014

Proprietário e editor | Canto Redondo - Edição e Produção, Lda.

Sede da Redacção | T. +351 218 852 035 | www.cantoredondo.eu  
geral@cantoredondo.eu | conservacao@anuariodopatrimonio.com

Director | Vítor Cóias | vitorcoias@gecorpa.pt

Editora | Joana Morão | joanamorao@cantoredondo.eu

Comissão Científica | Aníbal Costa, António Jaime Martins, António Sousa Gago, Clara Cabral, Deolinda Folgado, Fernando Pinho, Irene Frazão, Ivone Nobre, João Appleton, João Coroado, João Mascarenhas Mateus, José Fernando Canas, José Raimundo Mendes da Silva, José Silva Carvalho, Júlio Appleton, Leonor Rocha, Margarida Alcada, Maria Antónia Amaral, Maria do Rosário Veiga, Maria Fernandes, Maria Manuel Lobo Pinto Oliveira, Mário Varela Gomes, Paulo B. Lourenço, Teresa Chambel, Teresa Mourão, Valter Lúcio, Vasco Folha, Vasco Martins Costa, Vasco Peixoto de Freitas, Vítor Cóias

Redacção | Ana Pinto, Cláudia Monteiro, Helena Almeida, Leonor Medeiros, Regis Barbosa, Sara Simões

Secretariado | Elsa Fonseca, Simão Esteves

Concepção gráfica e paginação | Joana Torgal | geral@cantoredondo.eu

Impressão e acabamento | Printer Portuguesa

Edifício Printer, Casais de Mem Martins, 2639 - 001 Rio de Mouro

Departamento Comercial | Ana Cravinho | comercial@cantoredondo.eu

Distribuição e venda | Canto Redondo - Edição e Produção, Lda. | T. +351 218 852 035

Preço | € 20,00 (IVA incluído)

Tiragem | 4 000 exemplares

Periodicidade | Bi-anual

N.º de registo na ERC | 126172

ISSN | 2182-522X

Depósito legal | 3413/2012

Os artigos publicados no Anuário do Património são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores e não reflectem, necessariamente, o ponto de vista da direcção da publicação nem vinculam o Canto Redondo.

Os textos e imagens desta publicação não podem ser reproduzidos por qualquer processo digital, mecânico ou fotográfico, sem autorização prévia do Canto Redondo. Solicita-se permissão | Please canje | Exchange wanted | On prie fechange | Sollicitiamo scambio | Wir bitten um Austausch

© 2014 CANTO REDONDO

Uma edição



**Agradecimentos** | A edição n.º 2 do Anuário do Património foi apoiada pelas seguintes instituições: AAP - Associação dos Arqueólogos Portugueses, APA - Associação Profissional de Arqueólogos, APAP - Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas, APCMC - Associação Portuguesa dos Materiais de Construção, CNC - Centro Nacional de Cultura, Comissão Nacional da Unesco, DGPC - Direcção-Geral do Património Cultural, EA-UM - Escola de Arquitectura - Universidade do Minho, EE-UM - Escola de Engenharia - Universidade do Minho, ESTT-IPT - Escola Superior de Tecnologia de Tomar do Instituto Politécnico de Tomar, FEUP - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, IC - Instituto da Construção, ICOMOS-Portugal, IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, IP, INCI - Instituto da Construção e do Imobiliário, IP, IST - Instituto Superior Técnico, LNEC - Laboratório Nacional de Engenharia Civil, OA - Ordem dos Arquitectos, OE - Ordem dos Engenheiros, OET - Ordem dos Engenheiros Técnicos

**Capa** | A pedreira do Lugramar, em Vila Viçosa, integra a Rota Tons de Mármore - um percurso pelo ouro branco do Alentejo explorando toda a fileira da transformação e aplicação do mármore. © Spira

### UMA EDIÇÃO



### APOIOS INSTITUCIONAIS





# INTERVENÇÃO NO CONVENTO DAS MALTESAS

## A IGREJA DE SÃO JOÃO DA PENITÊNCIA

**SOFIA SALEMA** | Arquitecta | Mestre em Conservação do Património Arquitectónico e Paisagístico | Doutorada em Arquitectura | Membro do CHAIA-UE – Centro de História de Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora | ss.sspg@gmail.com

**PEDRO GUILHERME** | Arquitecto | Mestre em Engenharia Civil – especialidade Engenharia Urbana | Bolseiro de Doutoramento em Arquitectura (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) | Membro do CHAIA-UE – Centro de História de Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora | pg.sspg@gmail.com

### RESUMO

Neste artigo apresentamos o caso prático da intervenção de conservação na Igreja de São João da Penitência no Convento das Maltesas em Estremoz. O Convento das Maltesas, cujo claustro está classificado como Monumento Nacional<sup>1</sup>, é um conjunto arquitectónico de elevado valor patrimonial e com grande significado na estrutura urbana da cidade de Estremoz.

A intervenção, promovida pela Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, teve como objectivo restabelecer a unidade arquitectónica da Igreja, de modo a permitir uma leitura clara deste espaço e a apresentação de algumas peças que compõem o seu espólio artístico.

### PALAVRAS-CHAVE

Igreja da Misericórdia, Igreja de São João Baptista da Penitência, Convento das Maltesas, conservação

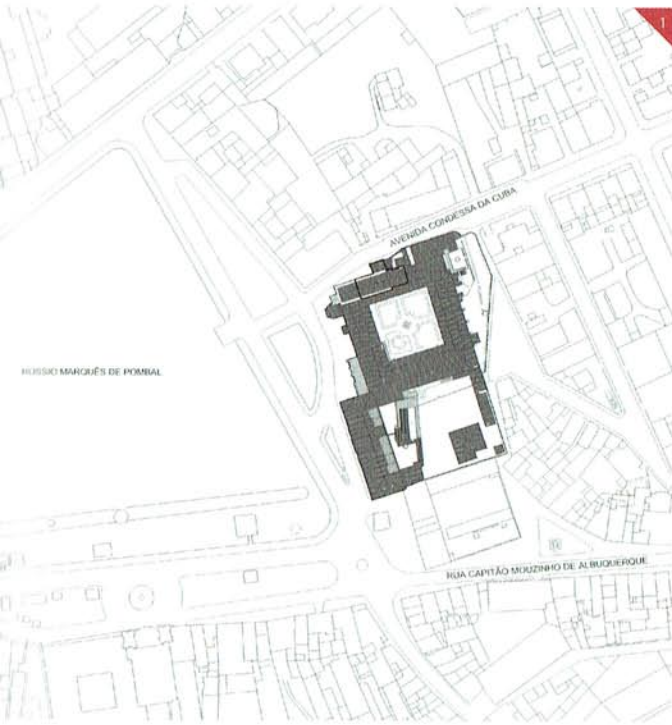
### CONVENTO DAS MALTESAS E IGREJA DE SÃO JOÃO DA PENITÊNCIA

A Igreja da Misericórdia ou de São João Baptista da Penitência, situada no corpo norte do convento das Maltesas<sup>2</sup> (**fig. 1**), foi mandada edificar pelo Infante D. Luís, entre 1540-45, poucos anos depois da fundação do convento, nuns terrenos contíguos cedidos pela Câmara, onde já se situava uma capela dedicada a São João Baptista. Esta escolha não terá sido acidental pois S. João é o santo padroeiro da Ordem de Malta.

Tendo D. Luís como mecenas, conjugado com o facto de quase todas as freiras do convento virem de um meio social elevado, a Igreja estaria enriquecida com elementos de grande valor, não só arquitectónicos e artísticos como de utensílios litúrgicos. Contudo, muito do recheio artístico do convento foi exposto a leilão público em 1878 ou perdeu-se no tempo das reacções anti-religiosas.

A Igreja de São João da Penitência, de nave única e pé direito elevado, denuncia uma proporção já maneirista, embora conserve a abóbada de ogiva, nervurada, dividida em dois tramos e apoiada em mísulas, denunciando a influência tardo-gótica dos inícios da construção (**fig. 2**).





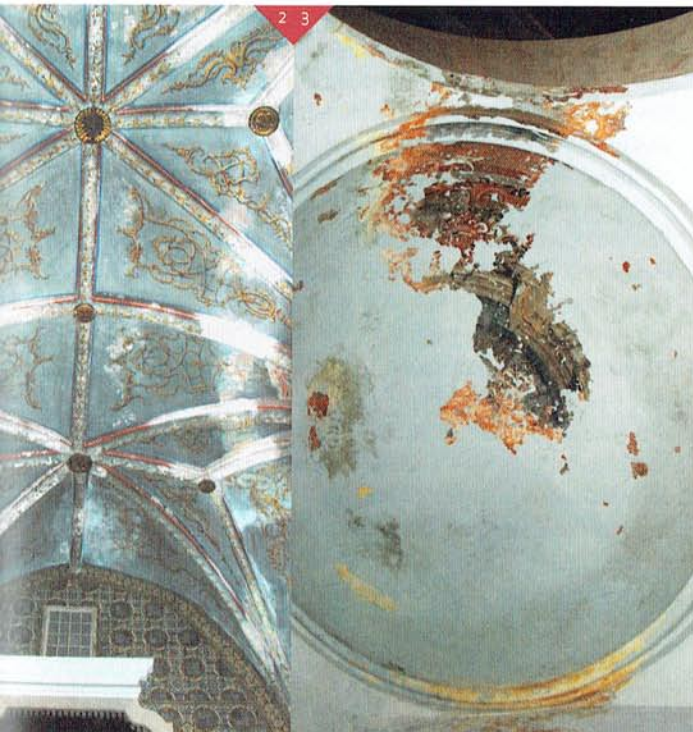
1. Mapa de Estremoz e localização do Convento das Maltesas e a Igreja São João da Penitência.
2. Nave principal da Igreja de São João da Penitência (antes da intervenção).
3. Cúpula da capela de Nossa Senhora de Assunção (antes da intervenção).
4. Altar de Santo-Cristo ou da Ressurreição (antes da intervenção).
5. Capela-mor (antes da intervenção).

A abóbada encontra-se revestida com pinturas murais, datáveis do século XVIII, que reproduzem ornatos vegetalistas executados a dourado sobre fundo azul. Sob este revestimento é visível um outro, provavelmente seiscentista. O mau estado de conservação deste revestimento mural e as tonalidades empregues sugerem tratar-se de pintura «a seco» na camada posterior, o que só uma análise *in situ* com maior profundidade permitiria comprovar.

As paredes da nave estão revestidas na sua totalidade com azulejos, de cor azul e amarelo, do tipo tapete de inspiração oriental. Segundo Túlio Espanca<sup>3</sup> foram feitos entre 1649 e 1651 em oficina anónima de Lisboa. Num estudo sobre a Misericórdia de Estremoz, Joaquim Torrinha refere a qualidade e valor ornamental de superfície deste revestimento azulejar, que formaliza vários padrões de tapete do grupo das laçarias.

O templo apresenta uma entrada lateral, como era comum nos conventos de clausura. Na parede oposta ao altar existem dois grandes vãos de acesso ao coro. O do coro alto mantém a grade de clausura reservada às leigas, embora a grade do coro baixo, reservado às noviças, tenha já desaparecido.

A nave do templo é rasgada por três altares antecedidos por arcos de volta perfeita em cantaria de mármore: a Capela-mor, a Capela de Nossa Senhora da Assunção (lado do evangelho) e o altar de Santo Cristo ou da Ressurreição (lado da epístola). Túlio Espanca refere que estes altares teriam retábulos que se perderam no início do século XX.





A Capela de Nossa Senhora de Assunção, de base quadrada, é coberta por uma cúpula hemisférica que evidencia, sob a caiçã, a existência de pinturas num erudito *trompe l'oeil* simulando uma cobertura em perspectiva (**fig. 3**). Podemos observar, em algumas paredes, um lambril de azulejos com motivos de vasos e palmitos, datados do reinado de D. José. Sob camadas de cal é perceptível um revestimento mural onde está posto a descoberto um painel lateral alusivo à temática mariana, datável dos inícios do século XVII.

Do lado da epístola, rasga-se num arco de volta perfeita em pedra mármore, o altar de Santo-Cristo ou da Ressurreição, com pouca expressão espacial mas grande impacto na leitura arquitectónica e decorativa do templo (**fig. 4**). À data das primeiras visitas que fizemos ao edifício, este altar não possuía qualquer retábulo ou qualquer revestimento azulejar. Encontrava-se pintado com uma tinta acrílica azul e com um lambril simulando um revestimento azulejar realizado recentemente, com pouco valor patrimonial, repintado talvez sobre um revestimento fingido. A dimensão desta capela, a ausência de qualquer tipo de revestimento e a cor azul celeste da tinta contribuíam negativamente para a leitura arquitectónica e patrimonial do espaço da igreja.

A capela-mor é antecedida por um arco de volta perfeita em mármore branco, decorado com a cruz hospitalária da obra do mestre Domingos Rodrigues<sup>1</sup>. A actual capela-mor foi (re)edificada nos finais do século XVII (**fig. 5**). A capela-mor, sem altares laterais, é coberta por uma abóbada de meio canhão com uma pintura mural «a seco», barroca, atribuída a Pero Gomes, datada de 1700 – uma obra do tempo de D. Pedro II. Esta composição em tons de cinzento, vermelho, ocre e dourado, representa um medalhão central com as insígnias do santo padroeiro e uma legenda rodeada de grotescos, *putti* e cartelas com enrolamentos. Subjacente a esta pintura é visível uma outra, mais antiga, pintada a fresco em caixotões com motivos alusivos a São João Baptista em tons de vermelho e ocre.

Túlio Espanca refere que a capela-mor teria um retábulo barroco de 1700, em talha dourada e concebido por mestres entalhadores de Lisboa. Nessa mesma altura, haveria um lugar destinado a um painel pintado a óleo sobre tela do artista Bento Coelho da Silveira. A composição representava o Baptismo de Cristo. No retábulo figurariam uma escultura de São Sebastião e outra de São João Baptista, ambas de madeira dourada, actualmente desaparecidas.

Durante as primeiras visitas à igreja constatámos que a parede de topo da capela-mor, parte das paredes laterais e parte da abóbada não apresentavam qualquer pintura decorativa ou revestimento azulejar. Nas paredes, a completar o lambril de azulejos de cor azul e amarelo,

estava pintado um revestimento com pouco valor decorativo e em mau estado de conservação, simulando azulejos de motivo e cores diferentes, e pontualmente estavam aplicados alguns azulejos de fabrico recente e de motivo completamente distinto, que colmatavam algumas lacunas no remate do revestimento azulejar.

Na abóbada, a pintura decorativa também estava interrompida por uma faixa caiçada (ou pintada) de cor azul, junto à parede de topo do altar. Nesta superfície, no início da intervenção, foram realizadas umas janelas de sondagem que permitiram confirmar que o revestimento decorativo da abóbada é interrompido, confirmando as fontes documentais que referem a existência de um retábulo. Nestas sondagens foi perceptível a existência de um revestimento relativamente recente de remate (que possivelmente não cobria a totalidade da área sem pintura mural) muito singelo de imitação de mármore, com a marcação da estereotomia e dos laivos da pedra.

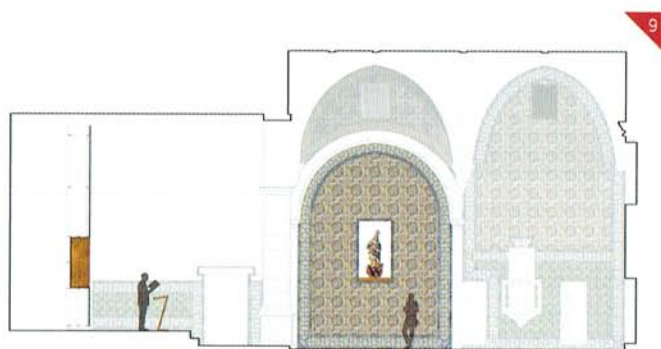
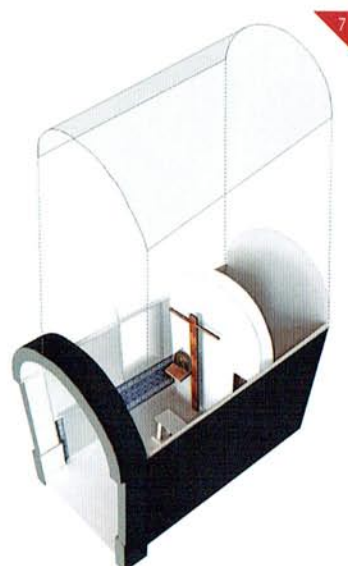
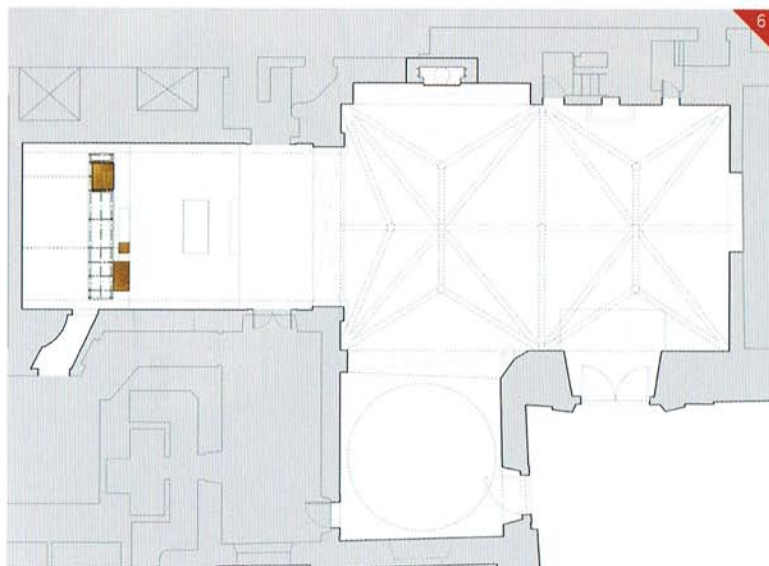
Relativamente aos elementos decorativos e imaginária entre os diversos pertences da actual Misericórdia, existem duas peças de escultura barroca, cheias de dinamismo, de cromatismo rico e grande expressividade: a imagem de São João Baptista e a de Nossa Senhora da Conceição (**fig. 11**), em madeira estofada e policromada. Estas belas peças não estavam visíveis na igreja, pois encontravam-se guardadas em lugar seguro e com condições ambientais controladas.

## A INTERVENÇÃO

A Igreja da Misericórdia ou de São João Baptista da Penitência, embora não apresentasse problemas estruturais graves nem situações que agravassem significativamente o seu estado de conservação, apresentava problemas de comunicação e leitura espacial, estética e patrimonial, que prejudicavam a apresentação e a valorização patrimonial do templo. O reconhecimento desta situação, associado ao valor simbólico e representativo deste templo enquanto Igreja da Santa Casa da Misericórdia e, como tal, espaço físico de representação das *obras de misericórdia*, levou a Santa Casa<sup>3</sup>, em 2011, a promover a presente campanha de conservação da igreja, tendo-nos adjudicado o respectivo projecto.

Após uma cuidadosa análise e leitura do espaço arquitectónico e patrimonial da igreja sublinhámos a relação simbiótica entre a arquitectura e a ornamentação das superfícies. De facto, as superfícies arquitectónicas (quer seja o revestimento azulejar ou a pintura mural) são parte integrante da arquitectura, reflectindo uma relação directa com o espaço arquitectónico do templo e, simultaneamente, sendo a expressão mais perceptível em termos da sua imagem.





Foram identificados os seguintes aspectos que prejudicavam a leitura integrada e harmoniosa igreja:

1. A proporção desequilibrada entre a dimensão da capela-mor e da igreja. Conforme já referimos anteriormente, a capela teria um retábulo de dimensões significativas que desapareceu e do qual não há vestígios documentais do seu desenho. A dimensão (profundidade) deste retábulo pode, no entanto, ser inferida pelos limites da pintura do tecto, que não ocupa a totalidade da abóbada, e pela ausência de revestimento azulejar tanto na parede de topo da capela, como parcialmente nas paredes laterais.
2. O contraste entre a riqueza das superfícies arquitectónicas da igreja (todas revestidas de azulejo azul e amarelo do século XVII) e a simplicidade da capela-mor (sem retábulo e apenas com parte de um lambril de azulejos com lacunas preenchidas com azulejos recentes).
3. A ausência de qualquer tipo de revestimento azulejar ou retábulo no altar de Santo Cristo ou da Ressurreição (lado da epístola). Este altar sem grande expressão arquitectónica/espacial resume-se a um arco reentrante, com cerca de 30 cm de profundidade face ao alinhamento da

6. Planta da intervenção proposta e do novo retábulo.

7. Simulação tridimensional da intervenção na capela-mor.

8. Corte transversal - Capela-mor.

9. Corte longitudinal - Capela de Santo Cristo ou da Ressurreição.

parede da nave da igreja, mas que assume grande protagonismo na leitura do espaço interior do templo. A ausência de qualquer tipo de revestimento ornamental e o facto da superfície estar pintada de cor azul, prejudicavam a interpretação e leitura global da igreja.

4. O estado de conservação das pinturas murais que revestem os tectos da igreja (capela-mor, Capela da Nossa Senhora da Assunção e nave da igreja), onde são visíveis diferentes campanhas de pintura, algumas manchas negras (de acumulação de poeiras) e outras esbranquiçadas (possivelmente sais), prejudicam a leitura destas pinturas. Este facto é agravado no caso da capela-mor e da Capela de Nossa Senhora da Assunção, onde ainda são visíveis áreas de pintura/caiação de cor azul clara e/ou branca que cobria anteriormente, quase na totalidade, as pinturas murais<sup>6</sup>.





10. Imagem de São João Baptista.

11. Imagem de Nossa Senhora da Conceição.

12. Situação final da Capela de Santo Cristo após execução do nicho e colocação do revestimento azulejar em falta.

13. Capela-mor após intervenção.

5. A pintura de cor azul clara que cobria todas as lacunas do revestimento azulejar e parcialmente as pinturas dos tectos da capela-mor e da Capela de Nossa Senhora da Assunção.

Com o objectivo de restabelecer a unidade arquitectónica da Igreja e permitir uma leitura clara deste espaço e da sua ornamentação propusemos as seguintes acções:

1. Colocação de revestimento azulejar na parede da Capela de Santo Cristo ou da Ressurreição (lado da epístola) com azulejos de fabrico artesanal, de desenho idêntico aos azulejos que revestem a nave da Igreja, restabelecendo a unidade da superfície arquitectónica e ornamental da igreja (**figs. 9 e 13**). Relativamente à opção de aplicar os azulejos, gostaríamos de referir que a Santa Casa da Misericórdia, através do seu Provedor, o Sr. José Alves Marçal (que infelizmente faleceu durante o decurso da obra de conservação), já tinha adquirido, previamente à adjudicação do presente projecto, à *Fábrica Santana* a reprodução artesanal dos azulejos existentes com o objectivo de completar o revestimento azulejar da igreja. Depois de analisadas e ponderadas cuidadosamente algumas soluções para restabelecer a unidade e leitura do espaço arquitectónico da igreja e permitir o seu reconhecimento artístico pareceu-nos correcto e oportuno utilizar estes novos azulejos, que permitiam salvaguardar o critério da não *falsificação*

histórica. Por um lado, embora semelhantes aos existentes, estes novos azulejos são facilmente reconhecíveis, devido às diferenças de coloração e tipo de vidrado. Por outro, optámos por não reproduzir o padrão das paredes que combina dois padrões de tapete<sup>7</sup> com um outro padrão de emolduramento em barra/friso. A solução aplicada utilizou apenas a combinação de um dos padrões em tapete com o padrão em friso. Esta opção teve em consideração o facto de se tratar de um altar que, embora com pouca expressão espacial, deve ser interpretado como elemento distinto da restante parede lateral.

2. Reabertura do nicho existente na Capela de Santo Cristo ou da Ressurreição para colocação da imagem de Nossa Senhora da Conceição, também conhecida como Nossa Senhora das Maravilhas. Durante a intervenção de colocação dos azulejos houve a necessidade de preparar a superfície para permitir a colocação do azulejo. Nessa altura constatou-se que existia um nicho centrado na parede da capela que se encontrava entaipado. Este facto permitiu fundamentar a opção de reabrir o nicho para colocação da imagem de Nossa Senhora da Conceição e, deste modo, sublinhar a presença do altar na leitura do templo. A reabertura do nicho teve em consideração a dimensão da imagem a expor, com cerca de 1,40 m de altura. Assim, apenas parte do nicho entaipado foi reaberto. A estrutura de suporte da peça é constituída por uma armação em aço pintado de branco de fundo côncavo, de modo a dar mais destaque à imagem de Nossa Senhora. Esta estrutura serve ainda de suporte à iluminação.

3. Colocação de novo retábulo na capela-mor, de concepção contemporânea, construído com uma estrutura de aço, revestida de madeira pintada de cor branca (**figs. 6, 7, 8 e 12**). No retábulo propusemos um nicho para colocação



da imagem de São João Baptista e uma consola para colocação do Santíssimo. O nicho e a consola foram realizados em madeira maciça de castanho velho. Curiosamente, as referências históricas referem que no retábulo barroco, outrora aqui colocado, haveria um nicho reservado à adoração deste santo. Foi ainda proposta como parte integrante deste retábulo, mas fisicamente independente, uma cruz latina, também de desenho contemporâneo, em madeira maciça (figs. 14 e 15). A madeira utilizada foi cuidadosa e criteriosamente seleccionada em estaleiro, onde se procurou reutilizar, de entre as peças e/ou vigas de castanho velho com secções e comprimentos adequados, uma que pudesse ser usada de modo a que o tronco da cruz fosse feito apenas com uma única peça e utilizando entalhes tradicionais e junções interiores de aço. Na cruz foi ainda embutida, superiormente, uma cruz de malta em madeira mais escura, de vinhático. No altar foi também desenhado um novo ambão, utilizando madeira de castanho maciça e vinhático, reforçada interiormente com longarina de aço (figs. 16 e 17). Todas as peças de madeira, depois de tratadas, foram simplesmente enceradas.

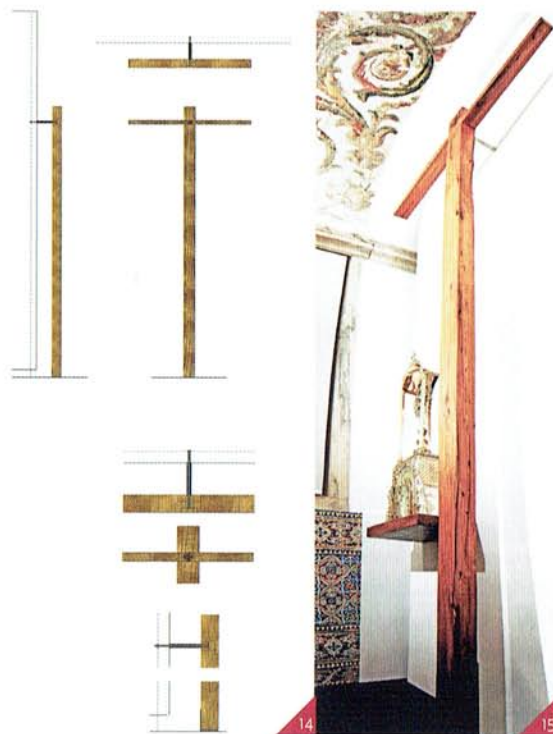
4. Reabertura do vão que se encontrava tapado com tijolo furado na capela-mor, permitindo o acesso entre o tardo do novo retábulo e a sacristia.

5. Limpeza das imagens de São João Baptista e de Nossa Senhora das Maravilhas.

6. Limpeza do Sacrário do Santíssimo.

7. Remodelação do sistema de som da igreja.

8. Remodelação da iluminação da igreja. De facto, tanto a rede eléctrica como a iluminação do templo estavam obsoletas, pelo que propusemos a sua substituição. Como princípio procurámos iluminar<sup>8</sup> as pinturas dos tectos da



igreja, permitindo assim reconhecer o seu valor artístico e patrimonial, embora a conservação e restauro dessas pinturas só esteja programada para uma segunda fase da intervenção. O desenho da iluminação procurou ainda o realce do altar e o destaque dos elementos artísticos e litúrgicos aí existentes.



- 14. Detalhes construtivos da Cruz.
- 15. Imagem da Cruz.
- 16. Detalhes construtivos do ambão.
- 17. Imagem do ambão.



Na fase de projecto e durante a obra adoptámos como critérios de intervenção os princípios e objectivos recomendados pelas cartas e recomendações internacionais, nomeadamente a carta de Atenas do Restauro, a Carta de Veneza e a Carta Europeia do Património Arquitectónico. Destes critérios destacamos os seguintes princípios:

1. A opção de respeitar a *autenticidade* do espaço interior da igreja, propondo que as novas opções arquitectónicas se enquadrem harmoniosamente no conjunto, mas que se distingam das partes originais, a fim de que o restauro não falsifique o significado artístico ou histórico da igreja. A opção do desenho contemporâneo do retábulo e o afastamento desta peça relativamente à parede, ao tecto e ao chão da capela-mor permitem, por um lado, o enquadramento harmonioso no espaço da igreja, contribuindo para o reconhecimento do seu valor patrimonial e, por outro lado, identificar que este objecto foi colocado posteriormente, não inviabilizando leituras e análises/estudos académicos daquele espaço.

2. A opção de colocar novos azulejos de desenho idêntico e de fabrico artesanal teve como objectivo permitir uma leitura coerente e harmoniosa da igreja e do seu revestimento azulejar. No entanto, é perceptível a diferença tanto ao nível da colocação do próprio azulejo como do seu vidro, permitindo que se faça uma leitura daquele espaço mas sem qualquer falsificação histórica do revestimento da igreja. A opção de não repetir de modo mimético a combinação dos padrões dos azulejos das paredes permitiu também sublinhar a existência da Capela de Santo Cristo que, como já foi referido, não tem grande expressão espacial na igreja, mas que é marcada por um arco de volta perfeita em pedra mármore. A colocação da imagem de Nossa Senhora das Maravilhas reforça esta intenção de reconhecimento da capela.

3. Garantia de compatibilidade, estabilidade e reversibilidade dos sistemas que foram utilizados e que respeitaram as exigências estabelecidas para a correcta *praxis* em conservação, quer do ponto de vista técnico e metodológico, quer no que diz respeito aos materiais e produtos a aplicar. Gostaríamos de sublinhar que em todos os rebocos empregues foram utilizadas argamassas de cal aérea. Mesmo no caso de aplicação de azulejos foi utilizada argamassa de cal aditivada com produtos pozolânicos.<sup>9</sup>

4. A manutenção do uso continuado da igreja como espaço religioso (com celebração de missas semanalmente) como forma de assegurar a sua continuidade ao longo do tempo, salientando a importância do facto da actual função ser a mesma que a original.

Concluindo, podemos considerar que a intervenção descrita foi um caso de sucesso. Embora tenhamos começado com algumas situações menos típicas num faseamento óptimo e desejável das várias etapas da intervenção (como,

por exemplo, a aquisição prévia ao projecto dos azulejos), a colaboração entre a equipa projectista, a Santa Casa da Misericórdia e o empreiteiro (e os seus operários) permitiu o reconhecimento e a cooperação de todos na promoção e valorização do património. Durante a obra destacamos, ainda, o empenho e dedicação do empreiteiro em reaprender as artes da cal<sup>10</sup> (tanto ao nível da aplicação das argamassas como do seu próprio fabrico). Como em qualquer obra num edifício histórico, o cuidado na execução de qualquer tarefa demonstrou que é possível aprender e conhecer o monumento, as suas técnicas construtivas e materiais utilizados, assim como fazer uma avaliação e validação contínua das diferentes opções tomadas. Criou-se ainda a oportunidade de expor duas peças muito interessantes que não estavam visíveis ao público em geral e se encontravam afastadas do culto. Parece-nos evidente que este (re)olhar durante a obra só foi possível devido ao conhecimento prévio que tínhamos desta igreja e da sua relação com o convento. Consideramos que o projecto e a obra realizada cumpriram o objectivo de restabelecer a unidade arquitectónica da igreja e de permitir uma leitura clara deste espaço e do seu património artístico e religioso.

Salientamos, que a Igreja de São João da Penitência mantém o seu uso, tendo sido reaberta ao culto no dia 1 de Janeiro de 2012, numa cerimónia solene (**fig. 18**). Por último, gostávamos de referir o entusiasmo da população que frequenta o espaço e que demonstra o seu agrado pela obra realizada.

## NOTAS

1. O Convento das Maltesas está classificado como Monumento Nacional, através do decreto n.º 9842, de Junho de 1924. O convento mereceu, também, o estabelecimento de uma Zona Especial de Protecção (ZEP) para proteger a envolvente do claustro que foi publicada em Diário do Governo, 2.ª serie, n.º 119, de 20 de Maio de 1960. Esta ZEP inclui a Igreja de São João de Penitência.

2. O Convento das Maltesas, ou Convento de São João da Penitência, foi instituído em 1519, tendo sido mandado edificar por D. Manuel, ou pelo seu filho infante D. Luís, o que, em qualquer das hipóteses, remete a sua construção para a primeira metade do século XVI.

3. Túlio Espanca, Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, co-edição de ANBA e IPPAR, 2000 (Versão em CD-Rom, não paginada).

4. José Ruas (coord.), 500 anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, 2002, p. 78.

5. Em 2009, a Santa Casa da Misericórdia, preocupada com o estado de conservação do monumento e com a definição e programação das obras necessárias para a sua conservação, promoveu, antes da presente intervenção, a elaboração do estudo/relatório prévio (dando cumprimento ao estabelecido pelo decreto-lei n.º 140/09 de 15 de Junho). Este documento apresenta uma análise fundamentada de prioridades, permitindo programar de forma sustentável as futuras acções de manutenção e de conservação no Convento (tendo em consideração não só as mais-valias patrimoniais, como também, o estado de degradação, os riscos potenciais e a capacidade financeira de intervir e/ou estimular os apoios externos de financiamento e





18. Vista panorâmica da igreja no dia da sua reabertura ao culto (1 de Janeiro de 2012).

mecenato). Nessa data, foi recomendada a necessidade urgente de realizar uma intervenção de conservação e consolidação estrutural do claustro, para evitar o seu colapso, ainda que parcial. O projecto de consolidação e conservação do claustro foi realizado e foi objecto de uma candidatura a financiamento, tendo sido realizadas acções pontuais de consolidação nas quais a presente equipa não esteve envolvida. Salienta-se que o convento é propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Estremoz (SCME) mas, desde 27 de Maio de 2005, em grande parte do Monumento está instalado o Centro de Ciência Viva de Estremoz (CCV).

6. Desconhece-se quando e por quem foi feita a remoção da camada de cal que cobriu as pinturas destas duas capelas.

7. A teoria matemática da simetria desenvolvida a partir dos inícios do século XX permitiu identificar e classificar todas as combinações de movimentos geométricos com um motivo para desenhar um padrão plano e identificar sete possibilidades de constituir um *friso* plano e dezasseis de construir um padrão (por vezes designado de papel de parede ou *tapete*).

8. A escolha do equipamento de iluminação teve em consideração a salvaguarda das pinturas.

9. Agradecemos o empenho e incentivo do engenheiro Cartaxo da Fradical na utilização da cal aérea junto dos operários em obra.

10. Note-se que foram utilizadas apenas argamassas de cal aérea, mesmo na aplicação dos azulejos.

## BIBLIOGRAFIA

Branco, M. (1993). *Antiga Igreja e Convento das Maltesas / Antiga Igreja e Convento das Maltesas / Igreja da Misericórdia / Centro de Ciência Viva*. [em linha]. [s.l.]: IHRU. [Consultado em 29-01-2010]. Disp. [http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002\\_B1.aspx](http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx).

Brandi, C. (2006). *Teoria do Restauro*. Lisboa, Edições Orion.

Cartas e Convenções Internacionais. Lisboa, IPPAR, 1996.

Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal, concelho de Évora, vol. 7*. Lisboa, ANBA.

## FICHA TÉCNICA

### ESTUDO PRÉVIO DO CONVENTO DAS MALTESAS (Maio 2010)

SSPG arquitectos, Lda. – Sofia Salema e Pedro Guilherme, arquitectos (coordenação e autoria)

Arquiteturas, Lda. – João Calvino, arquitecto (coordenação e levantamento arquitectónico)

Margarida Donas Botto, historiadora de arte (caracterização histórica)

### PROJECTO DE CONSERVAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO CLAUSTRO (Setembro 2010)

SSPG arquitectos, Lda. – Sofia Salema e Pedro Guilherme, arquitectos (coordenação e autoria do projecto de arquitectura)

Arquiteturas, Lda. – João Calvino, arquitecto

LEB – projectistas, Designers e Consultores em Reabilitação de Construções, Lda. – Thomaz Ripper, engenheiro (projecto de engenharia)

### PROJECTO DE CONSERVAÇÃO DA IGREJA

SSPG arquitectos, Lda. – Sofia Salema e Pedro Guilherme, arquitectos (coordenação e autoria do projecto de arquitectura e de conservação) com a colaboração de Andreia Valença Pires, arquitecta; João Giga, engenheiro electrotécnico (projecto de iluminação)

### OBRA

Joaquim João Fonseca Malhadas (construção civil, limpeza, rebocos, caiações), António Serra Construções, Lda. (retábulo, cruz e ambão), Vítor Caramelo (electricista)

*Inventário Artístico de Portugal, Évora*. Versão em CD-ROM, vol. I. (2000). Lisboa, co-edição de ANBA e IPPAR.

Lopes, F.; Correia, M. B. (2004). *Património arquitectónico e arqueológico, cartas, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa, Livros Horizonte.

Marques, J. E. (1899). *Breve Memória acerca da Instituição das Religiosas Maltesas em Portugal*. Coimbra, Typ. França Amado.

Ruas, J. (coord.) (2002). 500 anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz. Estremoz, SCME.

Universidade de Évora – Inauguração do Polo de Estremoz (1993). Évora, Universidade de Évora.